

BOLETIM DE
CULTURA

FEVEREIRO
DE 1959

LANÇAMENTO DO BOLETIM DE CULTURA

Constituiu acontecimento de grande significação para os meios culturais paraibanos, o lançamento do "Boletim de Cultura", publicado sob a responsabilidade da Divisão de Documentação e Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura, atualmente dirigida pelo professor José Pedro Nicodemos.

A solenidade de lançamento do primeiro número, da nova publicação que veio com o seu aparecimento preencher uma lacuna de há muito existente, foi realizada no Gabinete do Secretário da Educação, com a presença do Governador Pedro Gondim, do Secretário do Interior e Segurança Pública, sr. Octavio Costa, Chefe da Casa Militar do Governo, Cel. Sebastião Calixto, autoridades civis e militares, além de outros auxiliares da atual administração.

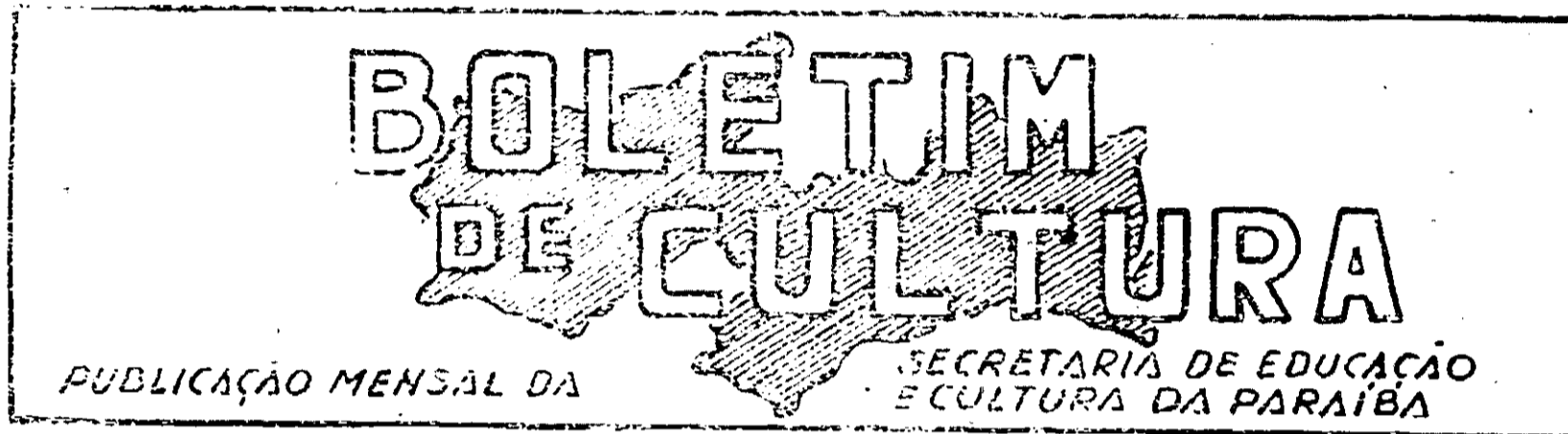
Também estiveram presentes na ocasião membros dos corpos docentes de vários estabelecimentos de ensino desta Capital, intelectuais paraibanos, jornalistas e pessoas especialmente convidadas.

Durante a solenidade de que são flagrantes as fotos que ilustram esta nota,

usaram da palavra o Secretário José Pedro Nicodemos, fazendo a apresentação do "Boletim de Cultura", e o Governador Pedro Gondim, que proferiu o discurso de encerramento da cerimônia.



Flagrante do lançamento do Boletim de Cultura



ANO I - João Pessoa - Paraíba - Fevereiro de 1959 - N.º 2

Legado Histórico - Cultural às Faculdades de Filosofia(*)

José Pedro NICODEMOS

Em seu magnífico ensaio Raízes do Brasil, Sérgio Buarque Holanda dedica todo um capítulo ao cotêjo da colonização portuguesa com a espanhola, focalizando principalmente as criações de ordem intelectual da última. Na verdade, enquanto os lusos se fixavam na orla litorânea, constituindo nos trópicos um tipo de civilização eminentemente agrária, em que tudo girava à volta da casa-grande, centro de vida econômica, social política e mesmo religiosa, os castelhanos combinaram mais equilibradamente os valores rurais e urbanos, preocupando-se desde o início com a fundação de cidades, que edificavam geralmente em planaltos e obedeciam a princípios preestabelecidos.

Entre nós, as cidades eram apenas uma contingência da administração do sistema agrícola e latifundiário. Pois do latifúndio vinha tudo, inclusive os títulos de nobreza.

A organização da família dominante em bases patriarcais e a constituição da sociedade rural-monocultora, latifundiária,

e escravocrata formaram a chamada aristocracia rural brasileira. Refere-se o insigne ensaísta ao fato de terem os colonizadores hispânicos fundado universidades e imprensa, coisas jamais conhecidas no Brasil colonial. Leiamos este tópico bem expressivo:

"O ato de fazer das novas terras mais do que simples feitorias comerciais levou os castelhanos, algumas vezes, a começar pela cúpula o edifício colonial. Já em 1538 cria-se a Universidade de São Domingos, A de São Marcos, em Lima, com os privilégios, isenções e limitações da de Salamanca. A fundada por ordem real de 1551, vinte anos apenas depois de iniciada a conquista do Peru por Francisco Pizarro, (prob. cit., pag. 131)". E acrescenta, em nota a esse capítulo: "trabou-se que em 1525 já se imprimiam livros na Cidade do México."

No Brasil, só mais e na primeira República, mais de três

séculos depois, no governo do paraibano Epitácio Pessoa, é que se criaria a primeira Universidade, que foi a do Rio de Janeiro.

Durante os três séculos do Brasil colonial, tivemos realmente, dois centros de aprendizado, um elementar, realizado no interior das casas-grandes, a cargo do capelão do engenho ou de professoras, algumas, delas vindas de Portugal e até da França. O outro era constituído pelas escolas monásticas, de que se ocuparam padres do clero regular: jesuítas, franciscanos, beneditinos e carmelitas.

Com efeito, ao lado da catequese, a instrução elementar e média era ministrada nos principais núcleos de povoamento. Desenvolveram um tipo de humanismo religioso, conservador, de feição medieval, teocêntrico, contrastando com aquele sentido mercantilista, derivado da filosofia da Renascença, antropocêntrico, que impelia os homens à vida (Continua na pag. 7a.)

Teatros e Atores Notícias Breves

TEP — "Morre um gato na China" será o próximo lançamento do conjunto teatral. No elenco: Risoleta Córdula, Hugo Caldas e Elpidio Navarro.

* A seguir: "Édipo-Rei". Direção de Arlindo Delgado. TE — Dia 25 de fevereiro o início da temporada comercial de "Os inimigos não mandam flores", sob a direção de Sotenes Kerbric.

* O TE participará da Semana de Arte programada para fevereiro na cidade de Guarabira.

* Próximo cartaz: "Tempestade", de Mário Brasiní.

TCP — "Deus lhe pague" — é indicado como o próximo espetáculo do teatro do dr. Eugenio Carvalho Jr. Farão "debut" na peça de Joracy Camargo os médicos Atílio Rota e Arnaldo Tavares.

TB — Informa o advogado Luiz Hugo Guimarães a estreia do Teatro dos Bancários. Peça: "Tragédia para rir" de Guilherme Figueiredo.

TPA — O elenco do TPA encenou "Prima Donna" no III Festival Nortista de Teatro Amador, realizado em Macaé. A excursão do conjunto foi patrocinada pela Secretaria da Educação e Cultura.

* O diretor José Porto iniciou os ensaios de "Deus" original de Joracy Camargo. * A mais recente aquisição do TPA: Néide Silva,

ex-integrante do Teatro Experimental.

TAN — "A Grande estiagem", "13 à mesa" e "Luz de Gas" foram as peças encenadas no Sta. Rosa, pelo Teatro de Amadores do Natal, sob os auspícios da Secretaria da Educação e Cultura.

* Zete Wanderley foi a melhor atriz do elenco visitante.

BIOGRAFIA

Engene O'Neil, dramaturgo norte-americano, autor de "O Óleo", nasceu em 1888, tendo sido educado nas Universidades de Princeton e Harvard.

Nesta última, frequentou o curso de arte teatral do prof. Baker. Viajou largamente por mar, visitando as Américas Central e do Sul. Escreveu uma série de peças em um ato quase todas em torno da vida dos marinheiros. Sua primeira peça longa foi representada em 1920, e marcou o início de um período de renovação no teatro norte-americano. Essa peça — "Além do Horizonte" — representada nesta cidade pelo Conjunto Teatral Potiguar, em 1949, foi coroada com o Prêmio Pulitzer. Seguiram-se "Anna Christie" e "Strange Interlude" (9 atos).

peça e esta que introduziu ousadas inovações de técnica e concepção. A crítica é unânime em considerá-lo a maior figura da literatura teatral da América.

TEATRO - NOVOS RUMOS

Arlindo DELGADO

Teatro Amador, em Macaé; realizado nos primeiros dias deste ano.

Agora, é o Teatro universitário, recém-fundado pela diretoria da União Estadual dos Estudantes, tendo a frente a universitária Risoleta Córdula que se propõe a fazer parte e aproveitar os valores da província. Iniciativa realmente louvável e que merece o estímulo de quantos lutam pelo teatro em João Pessoa, sobretudo por trazer o rótulo do idealismo que caracteriza os

*** Foi fundada no dia 14 do mês passado a Cooperativa Cultural e Distribuidora de Material Escolar de João Pessoa, cuja diretoria ficou assim constituída: Diretor-Presidente, Augusto Simões; Diretor-Gerente, João Pedrosa Wanderley; Diretor-Secretário, Daura Santiago Rangel.

*** Agradou plenamente ao público que compareceu ao Teatro Santa Rosa, no dia 2 próximo passado, o recital da pianista patriciá Edna Flore.

*** Está tramitando na Assembléia Legislativa o projeto de modificação do Prêmio Augusto dos Anjos.

*** Tomou posse, no dia 1. deste, no cargo de Diretor da Divisão de Documentação e Cultura o prof. Raul Córdula.

*** A emissora oficial do Estado, Rádio Tabajara, introduziu modificações em sua programação, visando ao aprimoramento Cultural do Povo paraibano.

*** O Governo do Estado instalará, brevemente, bibliotecas populares nos bairros da Torre e Jaguaribe.

A realização desse programa será a cargo da Secretaria da Educação e Cultura, através da D. D. C.

*** Foi intensa a atividade do Departamento de Cinema Educativo no mês de janeiro, com numerosas exibições em grupos escolares e públicas.

*** O Departamento da Educação promoveu a redistribuição do professorado primário, sobretudo nesta capital e em Campina Grande que, são os núcleos e

educacionais mais importantes.

Essa medida foi tomada atendendo a um método racional de trabalho e se processou em todo o Estado.

*** Teve lugar, nesta cidade de um Curso de Aperfeiçoamento de Professores de História, promovido pelo Centro de Estudos Históricos, que tem como diretora a profa. Vilma Cardoso Monteiro.

Ministraram aulas no referido curso os profs. José Pedro Nicodemos, José Rafael de Menezes, Vilma Cardoso Monteiro, Anibal Moura e Hugo Moura. O encerramento do curso foi presidido pelo Reitor João Medeiros.

*** No recinto da Secretaria da Educação e Cultura, perante o seu titular, tomou posse, no dia 6 do corrente, no cargo de Diretora do Instituto de Educação, a professora Daura Santiago Rangel.

*** Funcionará, no período de 15 de fevereiro a 15 de março o Curso Intensivo para orientadores do Ensino Primário no Estado, promovido pelo Departamento da Educação.

*** Encerrou-se no dia 4 do corrente, em Bananeiras, o Curso de Treinamento de Dirigentes de Clubes Agrícolas que funcionou durante um período de trinta dias na Escola Vidal de Negreiros e contou com a participação de 39 professores-alunos.

*** Encerrou-se no dia 11 do corrente o Concurso de Reportagens sobre a 1.ª Feira de Livros da Paraíba, patrocinada pela Secretaria da Educação e Cultura.

Não sei de outra medida mais oportuna. Acho que se um homem da categoria de Hermilo Borba Filho ou Graça Melo, vier com a missão de orientar e ensinar teatro, estagiando aqui por alguns meses, teremos encontrado o caminho certo para a solução do maior dos males que nos afligem ou seja, a falta de gente realmente entendida e capaz de nos conduzir a rumos seguros e promissores. Sim, porque resolvido o problema de ordem técnica nada mais impedirá o progresso do teatro paraibano, de vez que, material humano temos de sobra e há muita vontade de se fazer alguma coisa pelo bom nome do teatro brasileiro.

O SOCIAL E O GRANDE ÍDOLO DO CINEMA

Wills LEAL

VALERY, em profundo artigo publicado no "Figaro" afirmou, certa vez, que o cinema ainda pode se tornar uma arte (não um espetáculo) que tenha um grande papel na redenção das minorias e que a tarefa de que pode haver filme universal (socialmente positivo), que atinja todos os aspectos, não é muito acertada, salvo se forem modificadas as condições de nossa civilização.

Este problema pode e deve ser analisado à luz de um outro: o do condicionamento social da arte do filme, assunto tão antigo como o próprio cinema. Ainda no século XIX já se afirmava — quando se discutia tal problema, que não eram as fantagorias de Méliés (o Júlio Verne do cinema) ou os documentários de Lumière, mas a união desta arte que nascia com o povo, "elaborando películas que eram não francesas, como eram norte-americanas ou russas", escreve Sadoul.

Arte nova — tem pouco mais de 50 anos — o cinema tem que estar ligado ao social para viver, porque, ao contrário de outras, como a pintura e a música (tidas como individualistas em sua elaboração) é social: milhares de homens trabalham em um filme. Para atingir o universal, para ser uma arte de todos e de tudo, para unir como nenhuma outra, tempo e espaço, tem que ser popular e científico, grandiloquente e simples, ao mesmo tempo. Bazán, em sua mundialmente conhecida obra "Der Film" (Estética), diz que "condição de vida, para a arte do filme, é a de ser popular, não só no sentido mais baixo, mas também no mais alto".

As notáveis condições técnicas do cinema, seu caráter industrial e comercial, que são aumentadas todos os dias, possibilitam novos meios de ligação com as massas, se encontrarmos em SI, como aponta Perez no coração dos povos, não só como meio de evasão, senão como receio artístico, como escola de costumes, como ação humana". Assim considerado o papel do cinema, temos que saber até quando sua força terapêutica pode atingir e quais são os meios de persuasão que faz mão. O fato, porém, é que criou uma força própria, firmouse como uma "arte de massa", e através de uma alta

função política criou ambientes num mundo cheio de questões e adições cinematográficas. "Agora, para ser uma arte social em toda a extensão, procura manter acesa esta chama, pois a função poética do cinema é a de utilização coletiva, devendo tratar de temas afetivos de uma generalidade suficiente para responder às necessidades de sublimação dos espectadores" (Jean Epstein).

Em cada filme o espectador recebe um banho plástico-dinâmico e colhe assim, um mundo de "mitos" (os de Hollywood são sagrados), de condições de vida e de motivos puramente cinematográficos. Sendo uma arte descritiva, mais do que intelectual (salvo raras exceções) o cinema-espetáculo conquistou o mundo, marcou um encontro com todos os povos e, sob o seu comando são feitas as ações dos povos, uma vez que as obras cinematográficas, ao responderem às suas necessidades, conceituarem os fatos, teriam os dos homens, dos povos.

O "Universo Fílmico" não é um elemento de adorno das obras filmológicas: é um fato que a nossa civilização não pode deixar de considerar e estudar, já que vivemos em um mundo de "sujeições", "ambientes" e "conceitos" cinematográficos. Uma produção cinematográfica (o filme) é uma mercadoria, antes de ser uma arte. Os valores de nossa civilização, o ambiente que aspiramos são cinematográficos e, como tal, não podem deixar de ser negativos e contraditórios, antológicos até. É assim, como produto de um mundo típico, o mundo de Hollywood, por exemplo, que o sociólogo Agulha concebe o cinema, mostrando que "dificilmente poderá aspirar ao êxito uma obra que se encontra em aberta contradição com os valores dominantes na sociedade, querendo negar os valores em que esta sociedade se inspira". Ora, já está visto que o século XX é um século do cinema, porquanto todos os povos tomam aquele banho plástico-linâmico, e, em consequência, aprendem as "sujeições" e agem cinematograficamente, reforçando os sagrados mitos do cinema. Os James Dean estão por aí a afirmarem o que escrevemos.

Aspecto negativo desta força cinematográfica é a insistência no mundo que criou em cada filme. Mas, tal atitude se torna necessária, pois para que

uma obra cinematográfica tenha êxito (comercial, bem entendido) tem que se voltar para as antigas situações, excitar os mesmos tipos e temas, concretizar uma ideologia especial, a que vem se adequar com os interesses dos comerciantes do cinema. Por ser popular (nenhuma arte é tanto), o cinema pertence a todos, e de to-

das as camadas, daí a necessidade do estabelecimento de uma lei do mercado, que venha defender os interesses dos "donos do cinema", lei que foi estabelecida por Hollywood e que são tão bem analisadas nas obras de Balázs, Marcel Martin-Barbaro, Axel e tantos outros. Balázs, o que melhor estudou o cinema, conclui na 11.ª pag.

Curso de Especialistas

Maria Conceição de FREITAS

O 10.º Curso de Especialistas em Educação, para a América Latina realizado no Centro Regional de Pesquisas Educacionais do S. Paulo, patrocinado pela U.N.E., S.C.O. Itamaraty, e I.N.E.P., reuniu trinta educadores da América Latina, com exceção do Paraguai que foi o único país que não se fez representar. Lamentavelmente, nem todos os Estados do Brasil estiveram presentes, apenas, Alagoas, Paraíba, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul. Por que esse descaso? Por que os demais Estados desprezaram a oportunidade que lhes foi oferecida através de bolsas de estudos para União, interessando na solução dos nossos problemas educacionais?

A razão é inexplicável. Fundar a mentalidade do nosso povo de um modo geral, dos administradores e do magistério em particular, faça a educação é uma das finalidades do curso.

A nação, pelos seus mais autorizados educadores como: Anísio Teixeira, diretor do I.N.E.P., Fernando de Azevedo, diretor do C.R.P.E., está assustada com a número crescente de analfabetos acusados pelas estatísticas com o número elevado de crianças reprovadas nos cursos de admissão às escolas

médias, de crianças, que não conseguem ir além do 20.º ou 30.º ano primário, de crianças que ficam sem estudar por falta de prédios escolares, de jovens que batem às portas das escolas superiores sem o devido preparo. Um estudo aprofundado das causas determinantes da derrocada no campo da educação se impõe. O nosso sistema educacional, o mesmo, ou quase o mesmo de 20 anos atrás, não se ajusta mais à nossa época, não está satisfazendo às necessidades do momento quando a ciência, a indústria e a tecnologia governam o mundo. O nosso sistema educacional essencialmente literário, quando estamos precisando de cientistas, de técnicos, de engenheiros. Por que a nossa corrente clientela escolar prefere as escolas superiores de direito desprezando as profissionais, médias, industriais e técnicas? E a nossa velha tradição tão arraigada de querer adquirir status, de subir na escala social através de títulos fornecidos pelas escolas superiores formadoras de elites desde as mais remotas civilizações. E a nossa velha tradição de menosprezar as escolas técnicas e industriais por julgá-las inferiores. Uma reforma radical se impõe. Conclui na 8.ª pag.

De Wagner partiu, sem dúvida alguma, o primeiro passo a caminho da música moderna. A sua obra representa um estado de saturação máxima das concepções musicais do romantismo, do qual a harmonia sofreria a principal transformação baseada na substituição do conceito de harmonia estática pelo de harmonia dinâmica. Mas, entendendo-se verdadeiramente por música moderna, toda aquela que foi escrita depois de Debussy, considerado o grande revolucionário da música postromântica e que direta ou indiretamente influenciou toda a música do século XX.

A arte de Debussy contém ecitos resíduos da mentalidade romântica; suas afinidades com o impressionismo pictórico e com o simbolismo poético. E tal como Claude Monet ou Stephan Mallarmé, ele se apresenta vago, discreto, sensível e buscando sempre as equivalências secretas das coisas.

Data de 1908, a coletânea de peças admiráveis para piano, que veio fazer soar uma nova nota na sua arte. Trata-se de Children's Corner, reunião de trechos infantis, de uma ingenuidade incomparável e de um magnífico sentido poético do mundo encantado da infância e que Debussy dedicou à filhinha Chouchou.

A música moderna é caracterizada pelo atonalismo e teve a sua fase mais crítica de 1916-17 a 1926-27, quando foi marcada por uma reação violenta contra o romantismo, a harmonia clássica, para a qual era um princípio dramático e imperativo categórico a consonância, a necessidade de tonalidade.

Ora, a música moderna não aspira lançar-se ao infinito, com a música romântica, mas a um verdadeiro infinito, por meio da dissonância e da instabilidade das funções tonais.

Maurice Ravel, surgido nessa época de exacerbação e de ataques violentos ao novo sistema harmônico que ameaçava se implantar, teve recusado o Grande Prêmio de Roma em todas as três vezes em que a ele concorreu. E na obra de Ravel tudo é digno de ser citado: a sua exuberante fantasia, a sua fina ironia poética, a

Música Moderna

Germana VIDAL

quiza de ritmo e harmonia que constituem obras de perfeito equilíbrio e realização técnica. Quem acaso ainda não ouviu o seu famoso Bolero? e quem deixou de se sentir fascinado pelo seu calor, pela surpresa indizível de cada um dos seus acordes?

Dizia Beethoven: "Não há regra que não possa ser atacada por amor do mais belo".

Pois bem; sempre ocorreu isso. O moderno, disse Fernando Lopes Graça em seu livro Introdução à música moderna, é o de sempre. O moderno é eterno.

Toda inovação que venha quebrar velha ordem e velhos princípios já firmados e arraigados, terá consequentemente de provocar as reações e a fúria dos conservadores que se sentem não sei porque ofendidos e destronados. Assim foi no classicismo, com o aparecimento da época romântica e assim o foi também com o advento da música moderna e tão combatida, quanto o foram a seu tempo, as criações de Beethoven, as melédias de Chopin.

Já é tempo para que extingamos a nossa má vontade, para com os autores contemporâneos. Já é tempo de pararmos os risinhos de sarcasmo e os rumores de descontentamento, à simples pronúncia das palavras: música moderna. Não se concebe mais que alguém nos dias que correm possa depreciar a obra de Debussy tachando-a de incompreensível e dissonante e dizendo até que se assemelha ao som que faz um gato passeando sobre o teclado do piano. Os admiradores de Chopin que aprendam uma lição: Chopin, todos os outros da época, não serão substituídos nem esquecidos. Terão sempre o seu lugar em todos os tempos.

Mas, o mundo atual é bem outro. E é nele que vivemos. Ingressamos numa nova era agitada, diferente, atômica. Não mais as damas pálidas, os cavalheiros de

corletas e ar melifluo, mas, uma humanidade frenética e livre. Situemos estes fatos em seus devidos lugares e seremos capazes de sentir e compreender a Fundação de Açç. de Mossoloff, a Rhapsody in Blue de Gershwin, o Castelo de Barba Azul de Béla Bartók, a Sinfonia do Amazonas, a Erosão, as Bachianas, os Choros do nosso grande Vi-

O Sací Pererê

(Conclusão)

nos ou tem os dedos dos pés ligados por uma membrana como a dos palmípedes; a sua cor preta, porém, continua atestando a persistência da influência africana.

No vale do Paraíba do Sul o Sacípererê é tido como um negrinho maléfico e inquieto, tendo um dos olhos doente e o outro muito vivo e bulhoso.

Em São Paulo vive mais nas "estâncias" do que nas estradas e toma por isso o nome de "Negrinho-pastoreiro".

No Rio Grande do Sul é o "Negrinho do pastoreio"; ali é bandido novamente e não é mais um gênio malfazejo; é diabrete sem maíado, abanhesma invocada para aquietar crianças simpáticas. No Rio Grande do Sul dão-lhe por vezes o nome de "generoso", considerando-o já como gênio benfazejo, atribuindo-lhe a função de achador de objetos perdidos e reser trezelhadás, função essa peculiar a Santo Antonio na superstição da criança católica. É bem lá que o "Negrinho" anda sempre a procura de objetos perdidos, pondo-os de jeito a se em encontrados pelos seus

la-Lobos e todo o politonalismo de Darius Milhaud. Senão o compreendemos ainda, podemos estar certos, é por pura teimosia e por prevenção cega e injustificada, pois afinal muitos de nós são capazes de entender a até de gostar de um desses pavorosos Rock and Roll.

E preciso que uma certa preveleça: a de que tudo que constitui em verdade obra de arte, não tem época nem tempo. São obras nacionais universais e eternas, tal qual o teatro de Shakespeare, a música de Bach, a pintura de Miguel Angelo, o romance de Balzac ou um poema de Goethe.

donos, mediante um coto de vela acesa em sua intenção, cuja luz é leva para o altar de Nossa Senhora, madrinha do nome do Sací sofreu também de todos que a não tem.

O nome do Sací sofreu também diversas modificações como o seu mito. No Norte do Brasil de Sacípererê adulete-se em Matitaperê, Matitapererê e Matintapererê. Na região centro-meridional o nome de Sací conservou-se inalterado e apenas o complemento "pererê" modificou-se para "tapere-rê", "sererê" e "siriri".

Sacípererê é voz onomatopéica do canto da ave acima citada; entretanto "sá-cy" traduz no tupi, mãe das almas de "há", "h-âng", o que é das almas e "cymãe"; o "h" demonstrativo corresponde a "y" e muda-se em "c" ou "s" quando se fixa ao tema.

Sacípererê como é conhecido no vale do Paraíba do Sul pode traduzir: olho doente, olho bom; de "eça", olho "cy" doente, "za", por "eça", olho, e "pererê" vivo, muito esperto e bulhoso.

É interessante comparar o mito do Sacípererê com o do "Yací-yaterê" do Paraguai.

BOLETIM DE CULTURA

Publicação mensal da Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, organizado pela Diretoria da Divisão de Documentação e Cultura.

Pedese permuta — We ask for exchange — On demande l'échange — Si richiede lo scambio

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

RUA DAS TRINCHEIRAS, 145

JOÃO PESSOA

PARAIBA

1.ª FEIRA DE LIVROS

Coroadada de êxito — Encerramento solene — Notas

Instalada na praça João Pessoa (de 15 de janeiro a 2 de fevereiro) realizou-se, com absoluto sucesso, a I Feira de Livros da Paraíba, sob os auspícios do Governo do Estado, através da Secretaria da Educação e Cultura.

Participaram da primeira feira paraibana os livreiros Octacilio Gama, Nolo Pereira, Antonio Xavier, Hélio Silva, Benevides, Eduardo Martins, Luiz Américo e Gonzalez Porto, este último de Pernambuco.

Durante os dias em que funcionou, o público se manteve vivamente interessado, sendo intensas as visitas às barra-

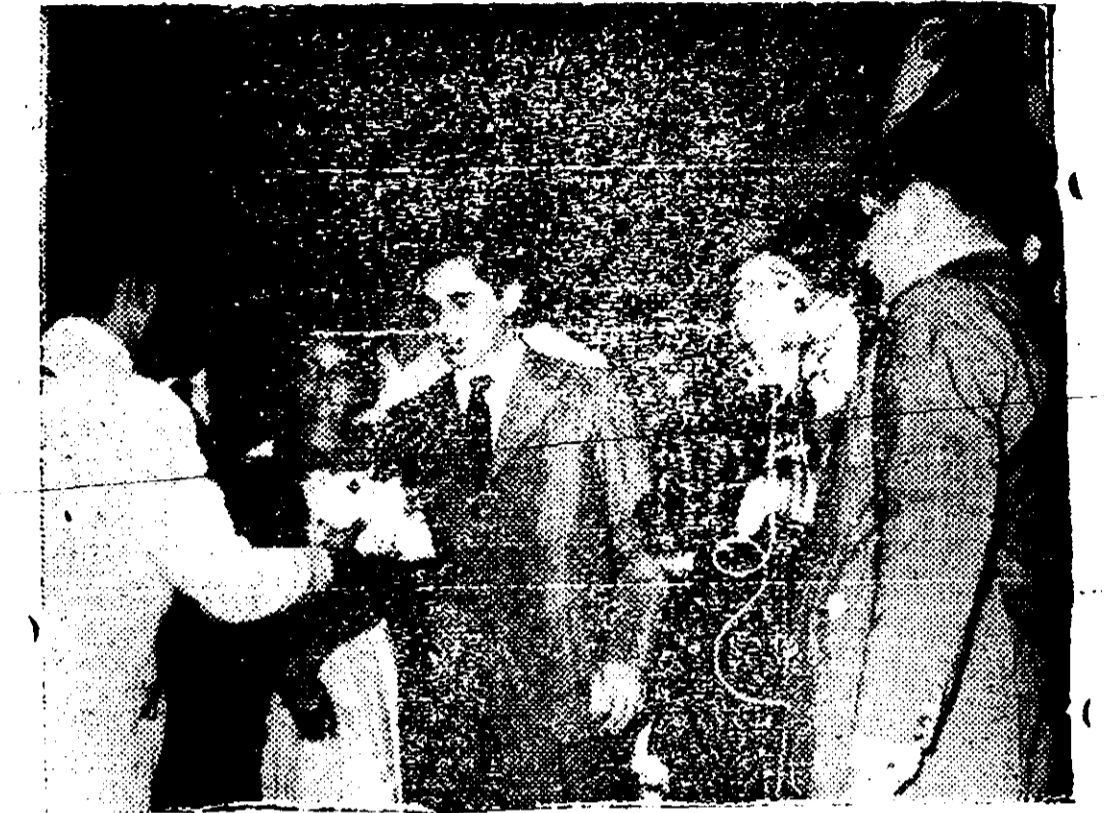
FESTIVAL LIVREIRO

Essa 1.ª Feira de Livros foi um verdadeiro festival, quer pela afluência do povo, quer pela própria organização das barracas onde os livros, no seu colorido estufante eram um convite irresistível para a aproximação...

Alguns proprietários de livrarias, encararam a iniciativa com tanto rigor que levaram livros em demasia, sendo obrigados a estendê-los pelo jardim-da-praça, exiguas se tornaram suas barracas.

MOVIMENTO OTIMISTA

Consultados, alguns livreiros



Momento em que S. Excia. o Governador Pedro M. Gondim era homenageado pelos livreiros, no encerramento do certame

uma futura intimidade que será sob todos os títulos benéfica.

ENCERRAMENTO SOLENTE

A Secretaria da Educação e Cultura, através do seu titular, dr. José Pedro Nicodemos resolveu, estimulada pelo êxito alcançado, fazer um encerramento solene.

Então, às vinte horas do dia dois de fevereiro, presentes o Governador do Estado, sr. Pedro Moreno Gondim, sr. Secretário da Educação e Cultura, demais Secretários do

Governo e auxiliares, foi feito o encerramento solene da 1.ª Feira de Livros da Paraíba.

Usaram da palavra o Governador e o Secretário da Educação e Cultura, que se mostraram compensados pelo esforço dispendido, como também foi feita, pelo Chefe do Executivo Paraibano, a promessa de novas feiras de livros durante a sua gestão.

Ao final da solenidade houve uma sessão cinematográfica em praça pública oferecida ao povo e que apresentou filmes alusivos ao livro.



Aspecto de uma das barracas concorrentes à 1.ª Feira de Livros, na Praça João Pessoa

cas, todas bem sortidas, numa concorrência estimulante

BANDA DE MÚSICA PRESENTE

Não faltou, para alegrar o ambiente, a presença das bandas de música da Polícia Militar e do Exército que abrihantaram o ambiente da feira de livros, durante a sua duração.

Números musicais variados foram oferecidos ao povo que viu nessa medida mais um motivo de comparecimento à praça João Pessoa

ros declararam que o movimento de populares à procura de livros, ou mesmo para tão somente examiná-los, foi de certo modo compensador, pois veio provar que há nesta capital um ambiente propício a repetição de novas feiras do gênero.

Acham eles que a maioria não pode mesmo adquirir livros, dado o seu alto custo, apesar do desconto de vinte por cento que foi concedido de modo geral.

Mas a finalidade principal foi atingida, qual seja, a de provocar um encontro entre livros e o povo, cimentando



Variações sobre a Província

Wilton VELOSO

Diz-se que o falecido doutor Goebbels quando ainda não de cultura costumava sempre alisar o cabo do seu revólver. Esta atitude revelava, negativamente, um espírito infenso às manifestações do pensamento, um certo fanatismo intelectual tão comum nos fascistas de todo o mundo. O espírito que desgraçadamente sobrevive ainda hoje sob a forma de uma mentalidade regradada e impermeável a tudo que se refere à vida da cultura no seu mais puro e autêntico sentido civilizador. Felizmente, porém, para nós, não nos assusta a ameaça do revólver do doutor Goebbels, e apenas faz parte de um passado que começamos a compreender melhor, para confrontá-lo com o presente que se cria em torno de nós, e que temos tanta dificuldade em decifrar.

De qualquer modo, o espírito totalitário inútilmente tenta ganhar novo prestígio, em que pesem algumas arremetidas, vencido que foi, pelas próprias circunstâncias históricas e culturais do mundo atual. As novas gerações realizam, sem dúvida, esse papel de reintegração da cultura em seu verdadeiro caminho, afastando-a do temor de novas crises e da ameaça de um trágico destino. Aclamando-se sobretudo de uma subversão de valores, restaurando uma autêntica liberdade para a pessoa humana, tão aviltada em sua dignidade, na sua forma mais substancial e transcendente, que deveria ser o sentido de toda cultura verdadeira.

O que se pretende fazer em matéria de cultura, entre nós, sob os auspícios da Secretaria da Educação — se quiser permanecer deverá significar, antes de tudo, uma reação e uma renovação. Reação, primeiramente, contra o autodidatismo mediocre, contra a preguiça intelectual, responsáveis pelo marasmo muçulmano de nossas iniciativas no plano cultural, possibilitando a formação de uma elite capaz de liderar esses movimentos. E renovação, depois, no sentido de restaurar a ordem nos

espíritos e uma consciência mais nitida de suas responsabilidades, como membros que somos de uma geração de quem muito se espera e confia.

Somente assim poderemos formar uma geração purificada dos vícios passados, sem as mazelas e fraquezas comprometedoras de seu destino histórico. Sem mais aquele senso de indeterminação e de improvisação — observado por Ortega Y Gasset — que desgraçadamente ainda sentimos no presente. Uma geração com a coragem da afirmação, consciente de seu próprio destino, e em permanente vigília contra os erros e as tiranias intelectuais de qualquer natureza. Sobre tudo, sem aquele notorismo degradante que sempre telma em sobreviver em determinados centros culturais.

Condições para isso felizmente nos ainda as temos, pois a nossa condição de província, onde certas virtudes se conservam quase puras e invioladas, nos garante um espírito de legítima tradição e disciplina, capaz de reagir às formas corrompidas e corrotoras de exultulas heresias intelectuais.

De qualquer modo, tudo indica haver começado uma inusitada atividade intelectual, entre nós, atividade que denuncia já uma renovada mentalidade, e podemos presentimentar, mal contido alvoroço da mocidade estudiosa, uma exaltação quase lírica pelos destinos da cultura, fortalecida agora pelas constantes iniciativas patrocinadas pela Secretaria da Educação, com o apoio integral do Governo do Estado, de que a Feira de Livros é a mais recente e louvável. É preciso, finalmente, que se implante aqui esse "vício impune" da leitura — como chamava Velery Larbud — porque será com o saudável hábito de ler, e ler bons livros, que poderemos chegar a ser, honestamente, bons autores.

Sempre acreditei nas possibilidades literárias da província. Sempre achei que poderíamos fazer alguma coisa de

realmente concreto e substancial no sentido de uma renovação de nossa vida cultural, de uma tomada de consciência no plano literário, capaz de ultrapassar mesmo as nossas fronteiras. Nunca duvidei da possibilidade de se formar, entre nós, uma geração que tivesse a coragem da afirmação, e fosse também como um desafio, mas um desafio inocente contra todas aquelas fraquezas e transigências que são quase sempre o resultado do autodidatismo e das improvisações.

Ajudados pelos poderes públicos, agora atentos e sensi-

veis às coisas da cultura, não teremos dúvidas de que a atual geração estará apta, em futuro bem próximo, para enfrentar os obstáculos da incompreensão e indiferença que ainda subsistem. Enfrentar, não somente com rebeldia — que é tão fácil — mas sobretudo com o espírito de coerência e humildade, que tão difícil. Difícil principalmente quando se luta contra a rotina, a estreiteza de espírito e o indiferentismo quase total de certos setores responsáveis, o que é muito pior, talvez, do que o revólver do doutor Goebbels.

FOLCLORE

O Saci Pererê

Prof. Leon CLERÔT

O Saci é um dos gênios da mitologia indígena. O seu mito vai do extremo norte até o extremo sul.

Esse mito é multiforme com variantes e deformações desde as suas versões primitivas até a intercorrência de elementos afro-negros e das superstições de origem católica.

Originariamente como filho do Curupira ou Caupora, gênio guardião das florestas, era encarregado de uma tarefa.

O mito do Saci tem dupla simbolização: antropomórfica e ornitomórfica; esta predomina no norte do Brasil e aquela nas demais regiões do país, no Paraguai e na província Guaraní de Misiones na República Argentina.

No norte do Brasil o Saci individualiza-se na ave Tapera naevia — L. da família Cuculidae, cujo pio triste e difícil de localizar na mata, ora próximo, ora afastado, mudando a todo momento de direção, deve ter contribuído para a sua identificação como o personagem mitológico, tendo ainda a considerar que a forma sônica do seu canto repete o nome saci acrescido de pererê ligado desde então ao nome primitivo inicial.

Em muitas regiões do Norte o Saci é considerado como ave maléfica que anda pelos caminhos enganando os viajantes com as notas do seu canto, fazendo-lhes perder o rumo. Em outras asseveram que é laure as almas dos que se

deixam desviar pelo seu pio triste e enganador. Em outros, finalmente, acreditam que é encarna a alma de um Pagé que não satisfeito de ter praticado o mal durante a sua vida, continua agourando e anunciando desgraça a todos que escutam o seu canto.

Nas demais regiões do país a tradição ornitomórfica foi substituída pela antropomórfica sendo muitas vezes confundido com o Curupira.

A simbolização antropomórfica do Saci apresenta-o como um homúnculo, pernetá, de cabelo ruivo, privado dos órgãos eliminadores dos resíduos da alimentação.

Na Bahia, por influência do elemento afro-negro o Saci tem a tez preta; perde a sua denominação tupi-guarani tomando o nome de Romão e Romãozinho por força do costume que os negros tinham de substituir os nomes dos seus "totens" e "tabus" pelos dos santos da Igreja Católica entre os quais julgavam haver analogia ou que mais devoção lhes mereciam. Essa modificação subiu o São Francisco e atingiu o Norte de Minas Gerais.

Mais para o Sul, o Saci readquire o seu nome tupi, enfeitado, com um barrete vermelho que nunca tira da cabeça, traz sempre na boca um cachimbo apagado; passa a ser bipede em algumas regiões; o seu pé humano muda-se em pé bifurcado como o dos caprins. (Conclui na 4a. pag.)

Legado Histórico — Cultural

(Continuação)

abastada, liberal e sem princípios. Convém lembrar aqui a que a sentença do Bispo de Leiria, citada por João Ribeiro: "Vá degredado para o Brasil, donde voltará rico e honrado."

Esse humanismo religioso, semente de colégios, como o de São Paulo, se difundiu prevalentemente através dos jesuítas, a quem devemos, além do curso primário, a introdução do curso secundário no estilo do humanismo clássico. Ao lado do ensino das gramáticas latina e grega, a literatura de Ovídio e Horácio, de Demócrito e Homero, e de Virgílio e Vergílio.

Em 1575 já conferiam os padres a Companhia de Jesus o grau de bacharel em artes no colégio da Bahia. O curso superior religioso foi também iniciado aqui por eles, com as aulas de teologia, ética, lógica, física, metafísica e matemática. Aos que se destinavam ao magistério, os jesuítas, segundo o padre Serafim Leite, ministravam o curso de extensão acadêmica, do qual saíam os discípulos com o título de "mestre em artes". Era o curso pedagógico do século XVI.

Menos intelectualistas e retóricas foram, todavia, as outras ordens religiosas, notadamente os franciscanos, que, no dizer de Gilberto Freyre, "preocuparam-se acima de tudo em fazer dos índios artífices técnicos, evitando sobrecarregá-los da MENTAL EXERTION WHICH THE INDIANS HATED MORE THE MANUAL LABOR" (Casa Grande e Senzala), pag. 112, 2ª edição).

Na segunda metade do século XVIII, com a expulsão dos jesuítas do Brasil, interrompeu-se o trabalho que vinham desenvolvendo, havia duzentos anos.

A esse tempo, já chegavam à colônia as idéias francesas, por intermédio de filhos de proprietários mineiros, que se bacharelavam na Universidade de Coimbra e alguns na França, todos leitores de Rousseau, Voltaire e Montesquieu. Alguns deles se inflamariam tanto dos ideais libertários, que acabaram por comprometer-se na Inconfidência Mineira, como Tomaz Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa.

O século XIX não só foi decisivo para a nossa vida política mas igualmente para a cultura brasileira. A transferência da Corte portuguesa para o Brasil deu início, in-

discutivelmente, a uma nova fase da nossa história. Além das transformações econômicas, sociais e políticas, tivemos então a inauguração do ensino superior, com a criação na Bahia e no Rio, respectivamente, da Escola de Cirurgia e da Escola Anatômica Cirúrgico-Médica. Criam-se ainda a Biblioteca Pública, o Museu Real, a Imprensa Régia e o Horto Real. Por outro lado, a vinda da Missão de Artistas e Professores franceses contribuiu sensivelmente para o aprimoramento das artes nacionais, sobretudo porque se fundou a Academia de Belas Artes.

Há um fato relevante na história da cultura brasileira: a fundação do Seminário de Olinda, em 1800, pelo bispo Azeredo Coutinho. Desde então as idéias revolucionárias francesas começaram a empolgar os eclesiásticos e os homens de letras em geral, a ponto de deflagrarem a Revolução de 1817, inspirada nos princípios de Montesquieu.

A despeito das suas qualidades de bom administrador, considerado por Oliveira Lima como "fundador da nacionalidade brasileira" e "modelo de réu constitucional", D. João VI viveu uma fase agitada, combatido inclusive pelo "Correio Brasileiro", editado em Londres por Hipólito José da Costa, o pioneiro do jornalismo nacional e que tanto alvoroçou os revolucionários pernambucanos.

O primeiro quartel desse século foi assim inteiramente ocupado pelas idéias e movimentos políticos, ao passo que, no imediato, o acontecimento cultural da maior importância iria dar começo à nossa independência intelectual. Trata-se da criação dos cursos jurídicos, a 11 de agosto de 1827. Dois desses cursos foram instalados em pontos diversos: o de São Paulo, no Convento de São Francisco, e o de Olinda, no Mosteiro de São Bento. Olinda, depois de Recife, e São Paulo se transformou em dois focos de irradiação cultural, cada um dos quais servindo, respectivamente, de metrópole intelectual das duas regiões que centralizavam.

Dai em diante, os políticos mais ilustres do primeiro e do segundo império, bem assim os da primeira República, tanto quanto os escritores, haveriam de passar pelas bancas dessas escolas monásticas, transformadas em Faculdades no ano

de 1854, durante a vigência do Ministério de Conciliação presidido pelo Marquês de Paraná, Honório Hermeto Carneiro Leão.

Curioso é que entre as duas Faculdades se fazia um permanente intercâmbio de valores, com a transferência de estudantes e mesmo de professores, fato bastante ressaltado em trabalho do professor Haroldo Valadão para a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Estudantes vinham de São Paulo para concluir o curso em Recife, enquanto outros iam dessa para aquela cidade, num trabalho profundo e inconscientemente feito de unidade da cultura nacional. Exemplo clássico de tal permuta se deu com a vinda de Fagundes Varela para o Recife, ao passo que Castro Alves veio depois para São Paulo.

Na ausência de Faculdades e de Escolas de Filosofia, ciências e letras, as duas Faculdades de Direito se converteram em academias dos mais altos estudos científicos e literários, de modo especial a de Pernambuco, onde aportou o sergipano Tobias Barreto, que teria de liderar o pensamento de várias turmas de bachareis como de um bom grupo de mestres. Como poeta, filiou-se ao romantismo de Victor Hugo, fazendo a chamada poesia condoreira, que teve em Castro Alves a sua mais alta expressão. Introduziu no Brasil o criticismo alemão e foi o divulgador das teorias neo-hegelianas, em torno de cujas idéias se formou a famosa Escola de Recife e nas quais se integraram inteligências de escola, como Silvio Romero, Artur Orlando e Clóvis Bevilacqua. E essa escola sobreviveu aos seus fundadores e estendeu os seus efeitos sobre as gerações de estudantes das duas primeiras décadas deste século.

A sombra dos dois aludidos centros de cultura é que encontrara guarida o romantismo literário, que, a partir de 1820, como era o seu domínio em nossa terra, importado como moda francesa para um povo predestinado psicologicamente a aceitá-lo pela tristeza de sua formação espiritual.

Vejamos como se refere a propósito o ensaísta da "Tristeza Brasileira", o sociólogo Paulo Prado:

Aos poucos leitores os acadêmicos "Suspensos" de Maranhães impressionaram certamente como uma manifestação revolucionária e, d'naquele hoje, modernista. Acolheram-na dois cenros

intelectuais, que eram os escolas de Olinda fundadas em 1827, em Olinda e São Paulo e que se formaram sobretudo na última, os dois grandes focos de infecção romântica.

Em Pernambuco dominou por mais tempo o que restava no Brasil de espírito colonial. Era a Colômbra brasileira que se instava num a dependência do Convento de São Bento. O seu papel no preparo da mocidade estudiosa no país foi fundamentalmente político e jurídico. Educava homens práticos, os idealistas vieram depois, só muito mais tarde, com Tobias Barreto e Castro Alves.

Por sua vez, Gilberto Freyre, no seu estudo ecológico "Nordeste", examinando a evolução da cultura nos dois centros de Recife e Bahia, chegou à conclusão de que se verificou uma influência paradoxal na civilização do açúcar, que teria concorrido "para avivar nas cidades um intelectualismo revolucionário ou crítico que agiu contra ela própria, civilização agrária e escravocrata". ("Nordeste", pag. 213).

Em consonância com esse pensamento está Amaro Quintas, que arrancou dos arquivos pernambucanos para revelar aos intelectuais brasileiros a personalidade revolucionária do jornalista Antônio Pedro de Figueiredo, que até 1848, às vésperas da Revolução Praieira, editava no Recife "O Progresso — Revista Social, Literária e Científica". Reeditando a sua revista, provou Amaro Quintas como o romantismo "Cousin Fusco" pregava as teorias econômicas de Saint Simon e Fourier, combatendo quixotesicamente os excessos do capitalismo latifundiário e escravocrata.

Porém, o Império caiu sem ter dado ao país um sistema educacional à altura do desenvolvimento cultural da época, embora o Imperador, que sempre sentira a vocação do mar, tivesse sugerido, na última fala do trono, a criação de escolas técnicas, faculdades de ciências e letras, de universidades e até de um Ministério da Instrução.

Após o término da primeira República, somente duas universidades possuíamos: a do Rio de Janeiro e a de Minas, não obstante fôrse hêra numerosa

a rede do ensino público secundário e superior. Depois de 1930, é que se criaria o Ministério da Educação e Saúde, hoje Ministério da Educação e Cultura.

A segunda República tem sido realmente fecunda no que tange às coisas do ensino e da cultura. O aumento do número das universidades com as escolas superiores tradicionais (direito, medicina e engenharia) não é o único fato apreciável. Vale a pena mencionar outro digno de realce e que ora nos interessa particularmente: a criação da primeira faculdade de filosofia, ciências e letras, em São Paulo, onde nascera um dos dois cursos jurídicos de que já nos ocupamos. E surgia com o duplo objetivo atual: "alios estudos desinteressados e formação de professores para o ensino secundário e normal". Aliás, houvera antes, também em São Paulo, em 1908, pelos beneditinos, uma tentativa nesse sentido, frustrada à minúscula de providências administrativas.

Agora quando já contamos com mais de duas dezenas de faculdades de filosofia em todo o país, é mister considerar que a elas está transmitido esse legado de saber que recebemos do humanis-cristão como das diversas doutrinas espiritualistas ou materialistas agitadas e divulgadas dentro das faculdades de direito ou por instituições originadas à sua sombra.

Os estudos filosóficos, científicos, técnicos, históricos, literários e sociais não deconstituíram o vasto campo de pesquisa, de observação e de experiência das gerações moças, que não sofreram como as passadas a estreiteza das instituições escolares, que operavam verdadeiras mutações nas tendências dos que as buscavam. Vários exemplos de vocações forçadas ou transformadas poderiam ser registrados então, se não bastasse o do poeta de Espumas Flutuantes, pouco interessado nos estudos das leis.

Um grande futuro está, pois, reservado às faculdades de filosofia, tendo em conta, principalmente, o seu destino de formar "trabalhadores intelectuais", cientistas, técnicos, historiadores, filólogos, sociólogos, matemáticos e jornalistas. Porque o curso de bacharelado não tem uma finalidade prática, não visa à aquisição de empregos ou profissões, mas, sim, ao saber pelo saber, ou seja, pela paixão de saber. E a vossa cultura de povo jovem e

herdeiro dos padrões da ciência e das letras ocidentais só estará verdadeiramente consolidada quando em cursos como este, a formação ou o preparo intelectual constituir o interesse mais alto.

Não há negar que os cursos de filosofia não podem nem devem restringir-se ao ideal, muito nobre também, de transmitir o patrimônio cultural que herdamos das gerações anteriores. Porque esta é a missão de rotina das escolas, de modo geral.

Não caracteriza, entretanto, a missão universitária. Se assim fôra, ela caberia inteira dentro dos limites da educação secundária, puramente repetidora.

A universidade, tem nos tempos modernos, o compromisso de desenvolver a cultura e, para tanto, só se realiza plenamente através da pesquisa. Enquanto as universidades brasileiras não trilharem este caminho, estaremos reproduzindo apenas aquilo que nos mandaram os pesquisadores estrangeiros, traduzindo-lhes os trabalhos como o fizeram genialmente Tobias Barreto e seus sequazes na Escola do Recife os quais não teriam hoje, talvez a mesma oportunidade.

Em aula inaugural proferida na Universidade do Distrito Federal, sob o título de "Algumas idéias sobre a missão da Universidade", o professor Afonso Arinos de Melo Franco dizia que "a missão da universidade se confunde com a da própria cultura". E em meio à sua opulenta dissertação, refuta, o magistral ensaísta brasileiro, as opiniões de Ortega Y Gasset e de Jacques Maritain, segundo os quais a universidade deve ser apenas "elemento de formação profissional".

Afirma o citado professor da Universidade do Brasil que "a universidade seria, assim o Instituto de preservação e difusão do conhecimento adquirido e não de ciência, visto que a ciência é principalmente — conforme observa com justeza o mesmo Ortega Y Gasset — pesquisa, procura e experimentação". (Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos pag. 107, no XXIX).

Prezados paraninfados, estas considerações me acodem no momento em que terminais o curso de bacharel em filosofia. Como vosso paraninfo, julguei oportuno oferecer-las à vossa meditação. Parece-me esta a única maneira de vos agradecer a espontânea e generosa homenagem que recebi jubilosamente de vossos espí-

ritos jovens e inteligentes. De jovens tão cheios de curiosidade intelectual quanto de compreensão e amor. Como sabeis, o processo educativo se originou no seio da família e por isso é que a escola jamais perdeu nem perderá os traços de afetividade que acompanharam a delegação que essa recebeu daquela Instituição social. Foi precisamente essa afetividade que sempre presidiu ao nosso convívio e que transbordou no vosso gesto. E o título de paraninfo — a meu ver, um dos

O doutor Jivago e o preço . . .

(Conclusão)

cia do czarismo, pela revolução socialista. Mas o que interessa ao autor é o sentimento de cada alma em fuga: é o drama das crianças, é a separação dos casais, é o novo quadro de relações humanas. Um ou outro personagem se pronuncia sobre política, vez por outra surge um diálogo em que o autor não se manifesta, deixa, como romancista autêntico que o personagem fale. E em tôdas as páginas se faz presente, a MAE RÚSSIA, seus costumes marcados de Cristianismo, sobretudo sua natureza pesada, com o inverno a dominar os homens, poetizando-os num mistério telúrico em que Deus se revela mais íntimo. E justamente nisto consistiu o CRIME de Pasternak: em ter escrito em plena euforia de um Estado aglutinador, que não conforma com dominar o povo russo, absorve meia dúzia de outros e sonha com o império universal, sentir-se au-

CURSO DE ESPECIALISTAS

Continuação da pag. 3

Reforma no nosso sistema educacional, reforma da mentalidade do nosso povo, reforma na preparação do nosso magistério, reforma nos nossos métodos, reforma principalmente nos fins da educação. O problema não é só nosso. Não é só da Paraíba. É de toda a América Latina. E foi para atacá-lo, para solucioná-lo, que a U.N.E.S.C.O., o Itamaraty e o I.N.E.P., congregaram forças, reuniram educadores latino-americanos para, por meio de um curso intensivo, sob a orientação de uma equipe brilhante de professores brasileiros como Fernando de Azevedo, Joel

mais belos a que o professor possa aspirar. — representa um prêmio alto ao esforço e à dedicação que me têm norteado os passos na Faculdade de Filosofia da Universidade da Paraíba.

* Discurso proferido por ocasião da colação de grau de turma de bacharéis em línguas neolatinas da Faculdade de Filosofia da Universidade da Paraíba a 14 de dezembro de 1958.

sente da grande obra literária, onde não se exalta a ideologia marxista, nem as figuras que a implantaram. O crime de Pasternak não possui uma feição anti-comunista. O que ofende é a sua independência, é a altivez ou auto-suficiência de sua arte, de uma dignidade humana ou de um poder criador que o aproxima de Deus. E por revelar tamanha espiritualidade, desmente a educação bolchevista, supera a estatologia, derrota meio século de expurgos e fuzilamentos, de imposição doutrinária e convergência técnica.

Qualquer que seja a situação moral de Boris Pasternak, quaisquer que sejam os seus pronunciamentos atuais as suas cartas de retratação ou as suas negações, como autor do DOUTOR JIVAGO, no momento e nas circunstâncias em que redigia esse grande romance, ele era mais do que um grande homem: ele era o HOMEM.

Martins, José Mário Azanha, Jorge Nagle, Eládio Antunha, Luiz Cortier, Lourdes Brito, e os norte-americanos Robert Hovigurst, Hilda Tava, Everest Robson das Universidades de S. Francisco da Califórnia e Chicago, para mostrar-lhes as falhas, apontar-lhes as deficiências, alertando-os e concitando-os ao movimento renovador.

Necessita-se de uma mentalidade renovada, para acompanhar o progresso das ciências e das técnicas do mundo moderno. Sem isto, fica-se num tumulto de incompreensão, de confusão e sempre na retaguarda do progresso e do desenvolvimento dos países civilizados.

Realidade e Ficção

Continuação da 12. pag.

que me mandava, tornavam-se agora vivas em um convívio, que foi quase diário nos fins de ano, quando a época das férias permitia a ausência da Paraíba ou quando a sua presença, aqui, se fazia no ar em busca da viração, em Ponta de Matos. Quando aqui dividia o seu tempo entre os seus amigos, Odilon Ribeiro, Juarez Batista, a quem era muito afeiçoado, a Abel Cavalcante em cuja casa se hospedava, José Américo, Olivio Montenegro e alguns outros. Entre os seus amigos, eu tinha uma função toda especial. Era o confidente da sua saúde, dos seus achaques frequentes, tinha que apanhar-lhe o pulso, quando se sentia nervoso, tirar-lhe a tensão arterial, dar-lhe opinião sincera, sobre este ou aquele medicamento, quase sempre prescrito por facultativo de renome. Isso não admira, porque em medicina ainda é a fé capaz de revolver montanhas.

O homem vivia preocupado com a morte. Era o espectro sempre presente. Era uma quase angústia permanente, a qual se nervosismo. De uma feita, José Lins descerçava no Engenho Itapuí. Um dia, quando marchava para uma das minhas aulas matinais, pela Avenida Tabajara, cujo o ranger de um carro, que freava violento, atrás de mim. Assustei-me. Era José Lins, que viera às pressas, procurava-me com o seu primo Vieira na direção de uma caminhonete. Não era nada de mais. Estava nervoso. Não dormira bem à noite. Era preciso verificar-lhe o pulso e a tensão arterial.

Nas suas viagens de avião, o estado de angústia se externava pelo torcer contínuo dos botões do paletó, que chegavam sempre todos arrancados. Temperamento tímido e complexo: meigo e doce, manso como um cordeiro, às vezes parecia um homem áspero ou grosseiro. Era apenas uma aparência, porque quando muito, manifestação externa de uma angústia interior.

No Rio, era quase invariável o nosso passeio diário, quando a saúde ainda lhe sorria. As onze horas, iamos à redação de O Globo, aonde deixava o seu artigo diário. Almoço na Gonçalves Dias, ali, no restaurante da "Colombo", passeio pela rua da Assembleia e a

ali, uma partida para apreciar a beleza das mulheres feições, a livraria José Olímpio, outras livrarias, o nono andar do Ministério da Educação, porque era preciso ver o novo papa da nossa vida literária, que era Simeão Leal e onde terminávamos o intimídido. Outra grande afeição era José Olímpio, com quem se encontrava diariamente, como se fosse um irmão, a quem muito amasse. E as paradas para prosa se limitavam ao encontro dos seus amigos íntimos, como Luiz Jardim, Valdemar Cavalcanti, Santa Rosa, Odilon Ribeiro, Ledo Ivo, Medeiros Lima, Dante Costa, Oto Maria Carpeaux, os irmãos Condé, A. Jonas Filho, Carlos Laceda ou Nereu Ramos, de quem era compadre e grande amigo.

José Lins tinha uma grande qualidade, que cada vez mais rareia nos homens. A sua fidelidade para os amigos tinha algo de casto. Somente entre eles, surgia o homem brincalhão, sem complexos simples, bom, generoso, pleno de vida e de humor. Não deixava o velho gosto de apalidar os amigos. Para ele, Tomaz Santa Rosa Junior, o grande pastor era apenas "Santa". Como me poderia furtar a esse vício se me chamava sempre de "De Castro", como ao Juarez Batista só chamava de "Jura". As vezes, nos nossos passeios pela rua do Ouvidor quando maior era o aperto, ele soltava um palavrão e ficava gozando o efeito, sério, grave, quase imperturbável. Fora do seu grupo, porém era um homem frio, indiferente. Lembremo de certa vez quando na Avenida Rio Branco, fomos os nossos passos embargados por uma mulher bonita, mas já envelhecida, que parecia também literata. Falou muito, reclamando uma injustiça qualquer. Ele ouviu, ouviu... meio abotoado e retirou-se, bruscamente sem uma palavra sequer.

Diz José Condé, focalizando esse aspecto brincalhão do nosso romancista: "José Lins era o rei das brincadeiras, apelidava os amigos, falava alto nos cinemas, referia-se a transeuntes esquecidos com palavras de xingamento bem humorado. "Olha que velho cachorro, com

uma barba daquêlê tamanho". Conta Condé que, de uma vez, iam eles numa barca de Niterói. José Lins estava atacado de enorme urticária, todo avermelhado. O aperto era enorme: "Olha como é horrível essa tal de lepra!" Vê como estão estas mãos! Pode-se calcular o efeito dessa frase pronunciada pelo autor de "Molque Ricardo". Daí por diante a viagem foi desafiada".

De uma ocasião, numa de suas viagens à Paraíba, conheceu o Alcides, nosso amigo vendedor de jornais e também exaltado torcedor do Flamengo. Fizeram logo amizade. Ao ser-lhe apresentado, o Alcides trazia ao lado um dos seus filhos menores, moreninho vivo de cinco ou seis anos de idade. Pouca atenção, no primeiro momento, prestou ao vendedor de jornais, mas, logo, foi dizendo: Alcides, esse negro é barbaço — a que se seguiu uma risada. O Alcides tinha um modo original para festejar um "goal" do Flamengo. Quando corria um jogo, ele ficava ao pé do rádio, com uma garrafa de guardante ou de vinho. Cada "goal" era festejado com um trago. Para explicar o que fazia, quase se acovrava, lançava a mão, num gesto largo, levando à boca dando à expressão um trejeito especial e com um meio gemido dizia: "Um trinque". "Um trinque" era sinônimo de "um drinque" e queria dizer um "goal".

De outra feita, apresentei-o ao Leo, por quem muito se afeiçoou. Era um garoto pobre, de seis anos de idade, com irresistível inclinação para tocar sanfona, que se chamava de Leopoldo. Deixei uma pequena sanfona. O romancista chamava-o de "CAMBOGE", o que não agradava muito ao pequeno sanfonista. Quantas vezes, menelando o corpo, ao som de um baião ou de um samba que executava, o pobre do Leo fechava a cara, entrando quase em desespero, quando ouvia aquela palavra, que se ajustava rapidamente a um gigante. No Rio, quantas vezes, ele recordava o Alcides, falava no

sido providencial. Precisava todos os dias tomar-lhe a temperatura, uma, duas, três vezes seguidas para evitar o ganano, verificar-lhe a tensão arterial, analisar e interpretar os exames de laboratório. Nunca cheguei a encontrar os seus médicos assistentes. Ao certo, a visita era matinal. Fiscalizava-os, porém, às escondidas. Era mais uma fiscalização ativa. Naná, desvelada, proporcionava-lhe, com disciplina, os medicamentos. Uma jovem cheia de vida, que se chamava Maria e era paraibana da varzea da Paraíba, era quem lhe trazia o mingau, o meu lance e o meu café. Mesmo deitado no leito, apanhava o telefone e conversava com os amigos distantes. Ora um amigo do Flamengo, ora José Olympio, Carlos Lacerda. Nasceu ou Léo Ivo.

Chegavam os vespertinos "O Globo", "Diário de Notícias" e a "Tribuna da Imprensa", que tolheva ligeiramente, pondo-os ao lado, desordenados. Acasoa era um domingo, então, a hora apropriada, assistíamos ao jogo pela televisão. E conversávamos muito, sobre homens e acontecimentos. Sempre indagava dos amigos e de dona Maria de Itapua, sua constante veneração, a quem lhe prestava a afeição filial. Das 14 às 20 horas, quase diariamente, repetia-se a visita.

Era rigoroso no regimen, meticuloso, no uso dos medicamentos, vivia a olhar o relógio para que a hora nunca fosse excedida. De uma feita, e somente, esta vez, em todo esse convívio após examinarmos o abdome, indagou-me com uma expressão amargurada e, assim, como quem trata de um segredo: "Existe água aí?" Ao certo alguém já falara da acidez, das ascites rebeldes e impertinentes dos portadores da cirrose hepática. A resposta, mesmo que devesse ser afirmativa, teria de obedecer àquela lição do sábio professor de clinica médica, o doce Miguel Couto, o santo, quando fazia a apologia das santas mentiras, para não arranhar o animo dos enfermos, nem lhes mergulhar no desânimo, no desencorajamento que, às vezes, são mais graves que as próprias doenças. A vida é sempre perdida quando a esperança se vai.

Mesmo assim, todos os dias, ele ia ao apartamento anexo onde tinha a sua biblioteca e

a sua mesa de trabalho. Após, no máximo uns vinte minutos, voltava com seu artigo para "O Globo" de que era colaborador diário. Dava-me sempre para ler. Não usava máquina. Tudo ele escrevia numa caligrafia difícil de entender, com uma letra pequena, cerrada, numa página comum, de bloco comercial. Comentávamos sempre o assunto. José Lins não foi tão só um grande romancista. Também produziu ensaios e era jornalista militante. A sua dedicação aos esportes, o seu constante amor ao Flamengo era uma constante da sua vida. Assim como aparecia nos clichés da imprensa, ao lado dos escritores, ou em solenidades também abraçando os craques do FLAMENGO. Chegou a fazer parte do Conselho Nacional de Desportos. Não contou com o amparo suficiente para a reeleição, em certo ano, e isso lhe proporcionou grande amargura, porque a Paraíba lhe falhou naquela oportunidade. O esporte lhe proporcionou grandes alegrias, lhe egitou o corpo em grandes vibrações, nas arquibancadas dos estádios, onde o romancista se confundia com os torcedores comuns. Mas o esporte também lhe proporcionou amarguras e das maiores, quando da nossa derrota no Chile.

Estávamos no quarto do cômodo numa estante, entalhadas, as edições traduzidas. Em francês já estava "Menino de Engenho" e "Cangaceiros". Em alemão "SANTA ROSA", górdio volume onde se condensavam "Menino de Engenho", "Banguê" e "Moleque Ricardo". Em italiano, somente "Fogo Morto". Em Espanhol, "Menino de Engenho", "Banguê", "Pedra Bonita" e "Fogo Morto". Em inglês, "Pureza". Em russo, numa edição da Editora do Estado de Moscou, "Moleque Ricardo". O romancista se orgulhava da expansão universal da sua obra.

Pedia-me, de frequente, para atender aquele impertinente telefone. Aproximava-se o dia da posse na Academia Brasileira. Chegaram os convites, que não eram muitos, e deviam ser distribuídos cuidadosamente. Ajudei-o nesse pequeno trabalho. Encarreguei-me de levar à Câmara e ao

Senado os que se destinavam aos ilustres membros da nossa representação. O homem melhorava a olhos vistos. Sentia-se mais animado. Por mais de uma vez mostrei-lhe interesse de ler o discurso de recepção à casa de Machado de Assis. Fazia-se de desentendido e nunca permitiu-me a satisfação deste desejo. Mostrou-me com antecedência o seu fardão douado. Tinha-me interessado porque a Paraíba lhe oferecesse aquele fardão, que foi preferido ao que lhe quis doar a Editora José Olympio, também a colônia israelita e o seu clube — o FLAMENGO. Ele sentia orgulho dessa gentileza de sua terra e por mais de uma vez, destacou em conversa com amigos e na imprensa, esse gesto de fidelidade paraibana. Foi José Lins quem apresentou o projeto na Assembléia Estadual. José Américo sancionou a lei.

José Lins foi eleito para a Academia concorrendo com Waldemar Berardinelli e Ernani Lopes. Conquistou vinte e dois votos, enquanto os concorrentes, apenas doze e dois, respectivamente. Na Academia José Lins ocupou a cadeira número vinte e cinco, cujo patrono é Junqueira Freire e sucessores Franklin Dória, Barão de Loreto, Arthur Orlando e Ataúlfo de Paiva. Dado mil reverentes e deztoito, Ataúlfo ocupava a cadeira.

A posse do escritor paraibano foi a quinze de Dezembro de mil novecentos e cinquenta e seis. A noite foi linda, de chuva e de intensa ventania. Ao chegarmos ao Petit Triunon, debaixo da chuva, ninguém lá estava, por logo se encheram as dependências com uma assistência, que surgiu, por encanto. Talvez a chuva tenha reduzido a presença de pessoas da colônia paraibana. Lá estavam apenas o Senador Otacilio Jurema, o Dr. Bandeira Lins, o Dr. Ademar Vidal, o bondoso Pe. Luis Gonzaga de Lira, vigário de São João Batista da Lagoa e pessoas da família do romancista, isto é, esposa e filhas. A casa já regorgitava de acadêmicos, senhores e damas da alta sociedade, quando ingressou o homenageado, alto, elegante, envergando o fardão acadêmico, de flores de um outro tão vivo, que contrastava com aquele amarelo, sem vi-

da, dos fardões mais antigos, como, por exemplo, o de Aluísio de Castro. O Presidente da República não compareceu. Já sabia disso, porque estava com José Lins, quando um telefonema do Cíete avisava da impossibilidade dessa presença por força de compromisso inadiável, que prendia, em São Paulo, naquela noite, o Presidente Kubistchek. A mesa, o prefeito do Distrito Federal, o Ministro da Educação, membros do Corpo Diplomático e do Senado, componentes da Diretoria e Austregésilo de Athayde, que pronunciou o excelente discurso de recepção. A sessão se iniciou, porém, com o discurso de José Lins. Calmo, sereno, o novo acadêmico assomou à tribuna, sob o resplendor dos flashes e à luz intensa dos aparelhos que televisionavam. A palavra lhe saiu clara, firme e segura. Do ponto em que me encontrava, bem na frente, pude apertar a mão, quando elas me foram estendidas de Aluísio de Castro, Peregrino Júnior, Tristão de Ataíde, Pedro Calmon, etc. José Lins fez o elogio dos ocupantes da cadeira, na ordem cronológica das sucessões, e, ao chegar ao ponto de elogiar o seu sucessor imediato, fez restrições à sua arte e à sua obra. Pareceu-me explodir uma bomba. Os acadêmicos se entreolhavam. Peregrino Júnior, na presidência, chegou a esboçar um ar de riso. Muitos trancaram a fisionomia. Pedro Calmon, de quando em quando, olhava para Tristão... Quebrava-se naquele momento uma praxe. Um fato estranho e grave se passava, com aquela irreverência. O discurso de Austregésilo de Athayde foi um hino a José Lins do Rêgo, como o foi, também a Ataúlfo de Paiva, numa extraordinária apologia às suas qualidades de homem de sociedade, à sua obra assistencial, à sua elegância moral, à firmeza da amizade, com que se soube prender pelo coração aos membros da casa de Machado de Assis. No outro dia, a imprensa, ou melhor "O Globo", fez uma enquête, entre acadêmicos, cujas opiniões, de modo geral, externavam censuras ao novo membro da Academia. José Lins do Rêgo chegou a escrever uma carta a Roberto Marinho, deixou de escrever para

aquele amarelo, sem vi-

ra "O Globo" e logo os seus artigos começaram a surgir no "O Jornal", entre dos diários Associados.

Em seguida à sessão do "Petit Triunon", o novo acadêmico foi homenageado no Flamengo, que lhe proporcionou grande recepção.

Após o ingresso na Academia a saúde do romancista melhorou bastante. Chegamos a retomar o fio dos nossos passeios. Convidei-me para um jantar, que ofereceu a Simon Michel, e ao qual estive presentes os irmãos Córdá, Léo Ivo, Luis Jardim e Valdemar Cavalcanti. É provável que tenha sido esse o último jantar que José Lins ofereceu na general Garçon aos seus amigos. Fomos uma tarde à Companhia Nacional de Navegação Costeira, onde nos levava um mutuo interesse. No escritório central da Avenida Rodrigues Alves, fomos recebidos pelo dr. R. d. g. de Campos. Daí, saímos para a Editora José Olympio. Demoramos em animada palestra. Saímos e fomos parar na esquina da Ouvidor com a Uruguayana. Seguimos na rua do Ouvidor. Entramos na Avenida Rio Branco, em busca da Cinelândia. Só ali é que cheguei a perceber. José Lins ia em procura de outro amigo comum, seu grande amigo, meu grande amigo, que é Olívio Montenegro. Prosamos muito no hall de um Grande Hotel. Fomos para a general Garçon, onde a sua esposa Naná já esperava ansiosa. Não sei se, depois disso, o romancista teria renovação dessa trajetória. Talvez, não. A noite, conversamos. Recordações de viagens, o trito intenso de Helsinki, a humanidade e o calor excessivo, o Atenas, conversamos sobre homens, sobre a Paraíba, e lamentamos e subito fomos Santa Rosa, cinco meses antes, em Nova Delhi. Santa Rosa, que fora meu amigo de Lucco Paraíba, em cujo atelier tantas vezes palestramos, do grande "Santa", querido de todos os artistas e de todos os literatos brasileiros. José Lins não pôde homenageá-lo na entrada do Museu, quando ali foi exposto o seu caixão mortuário, em forma de cunha, que viajara a Londres e a Nova York, antes de chegar ao Rio. Era de madeira mal trabalhada, de Angulo cobertos por uma chu-

pa metálica, e trazia no texto apenas, em letras brancas, metálicas, a assinatura: TOMAZ SANTA ROSA JR. — BRASIL.

Tinha passado ali, a noite, com Carlos Drummond, Brito Broca, Adonias Filho, Luis Jardim e tanta gente do seu mundo e da sua amizade, e logo da enunciação e incoerente genitora.

O mês de Março se iniciou e os deveres me chamavam a Paraíba. Dona Naná telefonou-me, demonstrando a necessidade de convencer José Lins de vir repousar na sua terra. O Rio, mesmo nos recantos onde se erguem os palácios, e sempre cheio de tráfego. Não é um clima muito próprio para o repouso do corpo e da alma.

Tudo por fim, fora acertado. José Lins viria à Paraíba em Julho. Viria no Vera Cruz O transatlântico chegou num dia de julho, porém sem José Lins. Aquela despedida, no domingo que antecedeu ao meu embarque, foi numa manhã cheia de luz, entre risos e um "Até Logo" que se prolongou até não sei quando... Os meses um dia há de ressuscitar ainda. Foi aquele o nosso último abraço. Porque, justamente em junho, o seu estado de saúde se agravou, obrigou-o a internar-se no Hospital dos Servidores do Estado. A vida parecia melhoras e piores se sucediam. Por três vezes mergulhou no coma. Fora a consequência de uma crise hepato-renal, depois da intervenção cirúrgica, que visou sustar a honoriária do esôfago. As vinte horas do dia onze de setembro, chegou o coma definitivo. Ainda chamou por Naná, para falarem a uma e quinze da madrugada de doze de setembro de mil novecentos e cinquenta e seis.

Com a morte de José Lins do Rêgo, a Paraíba perdeu um dos seus maiores filhos, a literatura brasileira privou-se de uma das grandes figuras da sua história, o Nordeste foi espoliado de quem tanto soube mostrar ao mundo os aspectos da sua realidade econômico-social. Amigo dos seus amigos, ligado à sua terra para onde voltava sempre o seu pensamento e da qual a sua obra é uma expressão, obra feita de carne e de sangue, como bem disse Cassia-

no Ricardo, José Lins foi não há negar, uma expressão de homem original e marcado pelo destino. Vestido no fardão acadêmico, cercado e afagado pela elite literária do país, José Lins do Rêgo foi sempre o mesmo homem simples, bom e brincalhão, a mesma criança irrequieta dos tempos de Pio X. Menotti del Picchio foi o mais feliz dos que procuraram sintetizar a sua vida e a sua obra quando afirmou: "Há, entre José Lins do Rêgo e sua obra, uma completa integração. O homem fundeu-se no artista, tão humano é o artista e tão humana a obra. O que possa parecer paradoxo nessa afirmação, decorre do fato de muitos artistas se desumanizarem, criando uma personalidade sofisticada, ao se entregarem ao "demon" da criação. Talvez essa deformação obedea a uma lógica estética, à necessidade de criar um clima psicológico próprio ao seu tipo de inspiração. São os que se

encastelam na torre de marfim, vendo o mundo dessa altitude, esfumado e marcado pelo destino. Vestido no fardão acadêmico, cercado e afagado pela elite literária do país, José Lins do Rêgo foi sempre o mesmo homem simples, bom e brincalhão, a mesma criança irrequieta dos tempos de Pio X. Menotti del Picchio foi o mais feliz dos que procuraram sintetizar a sua vida e a sua obra quando afirmou: "Há, entre José Lins do Rêgo e sua obra, uma completa integração. O homem fundeu-se no artista, tão humano é o artista e tão humana a obra. O que possa parecer paradoxo nessa afirmação, decorre do fato de muitos artistas se desumanizarem, criando uma personalidade sofisticada, ao se entregarem ao "demon" da criação. Talvez essa deformação obedea a uma lógica estética, à necessidade de criar um clima psicológico próprio ao seu tipo de inspiração. São os que se

O SOCIAL E O GRANDE

(Conclusão)

o grande erro que "da ideologia do capital e da ideologia do homem nasce esse espírito do filme, não nasce numa escuridão ou num canto de estúdio. Nasce por força de uma lei do mercado. Caracterizando esta "lei" do mercado cinematográfico", o jornalista Altaviva, escreveu: "Um bom filme comercial deve ter 10% de novidade, se possível em autonomia de grande marca e de utilidade modelo; 20% de novidades de balles e banquetes; 20% de tipos simpáticos, com um toque de vida"; e, por fim, 20% de idílio, com abundante "show appeal".

Ao se estudar os aspectos históricos do cinema vamos encontrar a definição desta lei do mercado, até mesmo nos chamados "filmes bílicos" ou "filmes religiosos", pois De Mille não pode ficar esquecido. O seu imortalismo, o drama da empiedade que depois de um mês de espera se casa com o patrocinador industrial, ou ainda o moço e o pobre de vontade se torna milionário da noite para o dia, vemos, às vezes de pano de fundo para a definição de elementos desta lei do mercado cinematográfico. Criando estes fatores no mundo pela simpatia, nós construímos em suas obras e em filmes que são necessários e oportunos para o cinema, como bem disse Cassia-

marcante a este respeito) da narrem ao apartamento do homem-filme que vai prestar culto primeiro nos pequenos ídolos da tela, depois ao Grande-ídolo: o filme. Surge, assim, uma nova religião, que pode ser chamada de "religião ótica". Os pretendentes desta religião, os espectadores cinematográficos do mundo inteiro, que "formam a rbo do cinema" e, como "ríco precisam de um ídolo para adorar e adoram o cinema. A adoração des- Grande-ídolo é universal, como também é universal a "religião ótica" e é baseado nestes aspectos, que o filólogo Pereyá diz que a "cinematografia é a RELIGIÃO que mais templos tem e a que se dedica maior tempo de culto no mundo inteiro".

Como religião ou não, sendo ou não uma arte, o fato é que o cinema criou seu mundo e por mais que se juntem forças para combatê-lo (as censuras religiosas, militares, políticas, etc.) cada dia mais ele comanda na nossa civilização, aponta caminhos e doutrina sobre todos os campos do pensamento. Pode-se dizer, com efeito, que não há cultura, hoje em dia, em qualquer canto do terra, que não esteja impregnada dos motivos cinematográficos, de negativos e positivos do cinema.

O "Doutor Jivago e o Preço da Criatividade"

José Rafael de MENEZES

A publicação em português do "DOUTOR JIVAGO" dá-nos, como nunca, a oportunidade de revolvermos o drama da liberdade na Rússia bolchevizada. Para os que conhecem um mínimo de doutrina marxista é familiar o prognóstico de que, em sua evolução geométrica a sociedade comunista se alcançará em posição de tamanha perfectitude que o Estado, com toda a sua usinagem policiaesca e com todo o seu poder coercitivo será "relegado a um museu de antiguidade".

Num estudo sobre a "Teoria Política do Bolchevismo", Hans Kelsen comenta com certa malícia o contraste histórico que se instaurou na Rússia, onde o Estado é cada vez mais senhor onipotente: "Que os homens que presentemente controlam a máquina coercitiva e estão em posição de se utilizarem dela para outros objetivos que não estabelecer o socialismo voluntariamente renunciem ao poder que possuem, é o grande milagre do credo marxista." Tudo indica que estamos longe de acompanharmos este milagre; e, se Marx tivesse sido mais cientista do que pretendo profeta, tivesse sido mais coerente com o seu pessimismo inicial sobre a natureza humana, este capítulo de sua dialética em que o Estado se dissolve, teria sido riscado.

A reação bolchevista ao famoso romance de Boris Pasternak, possui um vigor que nada tem de estupidez; é decorência "científica" de um sistema de idéias pautado no materialismo e a ele escravizado enquanto persistir essa inspição negativista.

Acreditamos mesmo que tenha havido recentemente por

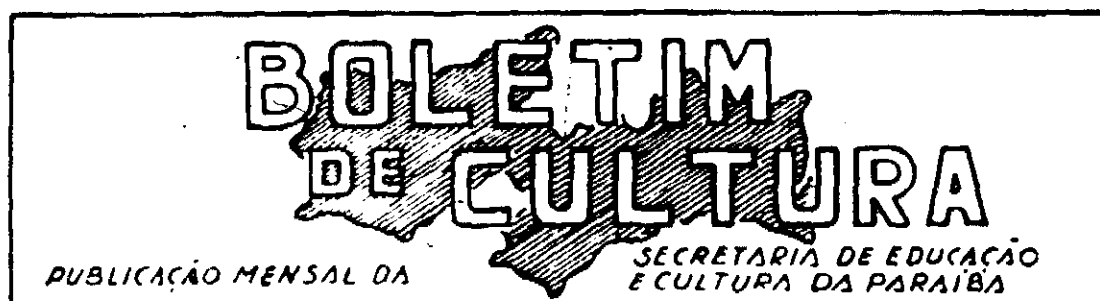
parte de alguns líderes comunistas, uma honesta tentativa de experimentação da tese marxista; que após a morte de Stalin, um temperamento prazerosamente afeito ao regime ditatorial, o problema afluísse com ensaios democráticos. A chamada "desistalinização" teve qualquer coisa de um passo atrás, por parte do Estado, dos serviços secretos, do dirigismo intelectual. Mas quão efêmera foi essa fase, apesar de sentirmos na personalidade de um homem como Krushchev uma perfeita afinidade com essa política de afrouxamento. Não durou um ano, tantos foram os incidentes, as amostras de insatisfação, o despertar exacerbado da mocidade, a agitação dos satélites, a proliferação dos grupos e das opiniões. É que o travejamento materialista não admite dobras, nem descalçamento: ou permanece inteiriço em sua monstruosa edificação ou desaba com todas as peças engronadas num absolutismo escravizador.

A reação soviética ante o livro de Boris Pasternak — quer no ato de impedir a sua publicação, quer na campanha desfechada contra o autor após o sucesso ocidentalista do romance — testemunha um engorduramento do Estado Bolchevista como jamais foi visto fora da imaginação de Hobbes. Ai está o Leviathã com toda a sua gulosidade. Os termos têm de ser estes, para corresponderem ao primarismo das medidas coercitivas.

Ao terminarmos a leitura do "DOUTOR JIVAGO" não nos resta outra convicção. O

livro de Pasternak nada tem de político ou de polêmico. Que diferença entre as suas páginas e as de A NOVA CLASSE, a outra "obra do século", pelo escândalo de sua publicação e sensacionalismo em torno do autor-vítima. Sem pretendermos justificar o procedimento do governo Yugoslavo que patrocinou a condenação de Djilas Milovan, bem

compreendemos o rigor políticalesco em virtude de "A NOVA CLASSE" dirigir-se corajosamente contra o sistema vigente. Mas o "DOUTOR JIVAGO" é um poema: um romance desinteressado e distante das paixões políticas, sereno e lírico, por isto um poema. É a história de algumas famílias em desfalecimento pelas mutações históricas: pela guerra asiática, pela decadência. (Continua na 8a. pag.)



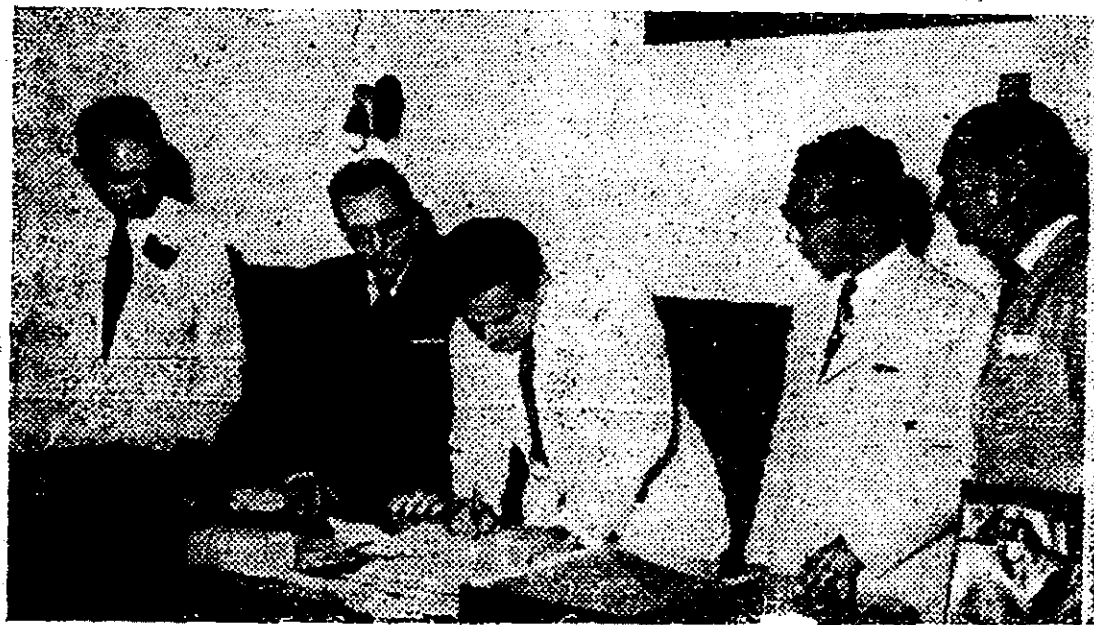
Realidade e Ficção

Oscar de CASTRO
Presidente da Academia
Paraibana de Letras

Graciliano Ramos. Somente em mil novecentos e trinta e quatro foi nomeado fiscal de consumo.

Sua obra de romancista teve início com a publicação de Menino de Engenho, em 1932. Logo, conquistou o prêmio "Graça Aranha". Em seguida publicou "Doidinho", evocação de seus dias de internato em Itabaiana. O romance autobiográfico, publicado em mil novecentos e trinta e quatro, foi BANGUÊ. Vieram depois, "Moleque Ricardo", em mil novecentos e trinta e cinco; "Usina", em mil novecentos e trinta e seis, início do ciclo da cana de açúcar. Em seguida, "Pureza", em novecentos e trinta e sete, "Pedra Bonita", em mil novecentos e trinta e oito, "Riacho Doce", em mil novecentos e trinta e nove; "Água Mãe", mil novecentos e quarenta e um, Fogo Morto, mil novecentos e quarenta e três; Eurídice, mil novecentos e quarenta e sete; Cangaceiros, mil novecentos e cinquenta e três; Meus Verdes Anos, mil novecentos e cinquenta e seis.

O reencontro com José Lins foi no Rio de Janeiro. Já morava ele à margem da lagoa Rodrigo de Freitas, num recanto tranquilo, à rua General Garzon. Nossas conversas, então epistolares através de longas cartas minutas e de minúsculas linhas, quasi inintelligíveis. (Continua na pag. 9a.)



COOPERATIVA DE CULTURA — Flagrante do momento em que o sr. Governador Pedro Moreno Gondim, assinava a lista nominativa dos sócios da Cooperativa de Cultura. Vêem-se, ladeando-o, o dr. José Pedro Nicodemos, Secretário da Educação e Cultura, os srs. Augusto Simões, João Pedrosa Wanderley e José da Costa Gondim

Formou-se Lins do Rego em 1923, ano em que também noivou com uma jovem, que veio a ser a companheira de toda a sua vida, filha do senador Antonio Massa. O Casamento ocorreu em 1923. Passou meses no Rio de Janeiro. Residiu em Manhuassu. Foi nomeado fiscal de bancos, em 1926, quando passou a residir em Maceió. Ai, nas Alagoas, afeiçãoou-se a Jorge de Lima e a